



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Jardim da poesia

Enquanto o mundo explode, recebi de empréstimo uma encomenda valiosa: o livro *Confissões de jardineiro*, do mineiro Alexandre Heilbuth. Ele faz do jardim um mundo em torno do qual tudo gravita por meio de uma contemplação e escuta atentas. A apresentação, a introdução e os poemas vêm temperados por um delicado senso de humor e de autoironia.

Tudo começou com um grande equívoco, afirma o autor. A primeira vez que o levaram à escola, disseram que ia para o “jardim”. Lá chegando procurou as árvores, as flores e as borboletas, mas não encontrou nada disso. Tinha, no entanto, uma razão especial para seguir feliz para a escola: a professora era sua mãe. Pena não ter sido assim pelos anos seguintes.

A casa em que morava, em Belo Horizonte, tinha um quintal com arvoredo e um papagaio falante. Cresceu sem jamais perder o encantamento pelas criaturinhas desse mundo verde. “Para mim, nenhum perfume pode ser mais sedutor do que o cheiro

de terra molhada. Aproveito, então, para lhe fazer minha primeira confissão: sou um repetente feliz. Nunca deixei o jardim.”

O jardim é observado, contemplado, revolido e agraciado. Quando dorme, é flagrado no sono, como ocorre no poema *Recolhimento*: “Certa vez perdi o sono — /Fui ver meu jardim dormir./ Era madrugada.../Cuidei de não acordá-lo,/Só olhava./Ele dorme leve, como monge./imerso num silêncio grato, reverente.../E na certeza calma e azul/De uma nova manhã”.

O silêncio proporciona uma profunda interação com os habitantes do jardim. Não importa que pertençam ao

mundo animal ou vegetal, não importa a linguagem que eles e elas falem: “A pedra./Lá está a dama, senhora do tempo.../Soberana, secreta, monumental./A gente quase não se fala./Mas eu gosto do jeito que ela me olha”.

O jardineiro procura sempre captar e fixar aquele instante precioso, fugaz e fugidio de epifania, representado, com felicidade, no poema sobre *Monjolo*: “O monjolo bate... Depois espera a concha se encher de água/Para bater outra vez./Isso não demora /É quase o mesmo tempo em que um colibri/Visita um canteiro de flores. /Sim.../Para quem aprende a olhar as coisas como são,/É possível ter toda a compreensão

da vida/apenas neste espaço de tempo: entre um bater e outro do monjolo”.

São de pequenas epifanias, muitas vezes imperceptíveis ao senso comum, que se faz esse jardim, mais suspenso do que o Jardim da Babilônia. O segredo está no cultivo deliberado do despojamento, como se lê no belo poema sobre a recusa em implantar a irrigação mecânica no jardim, pois essa decisão implicaria em renunciar ao prazer e encantamento da interação, corpo a corpo, com a terra e com as plantas: “Ah, não!.../Eu não colocaria irrigação mecânica/Em meu jardim./Costumo molhar as plantas/Como quem toma chá com os amigos”.

» Entrevista | KENZO DOI | REGENTE DO TEMPLO SHIN BUDISTA TERRA PURA

Aos 35 anos, ele conversa sobre os caminhos que o trouxeram a Brasília e fala de suas aspirações como sucessor do Monge Sato, que estava na regência do Templo há 26 anos. Para o religioso, é necessário reforçar o senso de integração social

Tempo de acolhida e comunidade

» ANA MARIA POL
» JÚLIA ELEUTÉRIO,

O Templo Shin Budista Terra Pura, no Distrito Federal, tem um novo regente: aos 35 anos, o Monge Kenzo Doi comanda a gestão da instituição desde o primeiro dia de 2022, após ser indicado pela Federação das Escolas Budistas do Brasil.

Afável e com gestos serenos, ele tem a vida marcada por importantes acontecimentos históricos. Nascido em Hiroshima, uma das cidades japonesas bombardeadas pelos Estados Unidos no fim da Segunda Guerra Mundial, ele conta que uma outra tragédia o despertou para o caminho da iluminação espiritual. “Foi após o atentado de 11 de Setembro aos EUA.

Eu tinha 14 anos, e uma monja apareceu na televisão japonesa, fazendo uma citação à Buda. Isso me influenciou, comecei a buscar o caminho, entrei no Colégio Budista de Hiroshima e, desde então, não sai mais.”

Formado em Letras, ele está há nove anos no Brasil, tempo que conheceu realidades diferentes em alguns estados brasileiros, como

São Paulo, Rio de Janeiro e Pará. Na capital federal, ele chegou em setembro do ano passado, quando começou a se integrar às atividades do Templo. Logo veio a incumbência de suceder o Ademar Kyotoshi Sato, conhecido como Monge Sato, que estava na regência do Templo há 26 anos.

Kenzo afirma que veio para agregar à comunidade budista.

Em entrevista ao Correio, ele fala de um novo tempo para a instituição budista e para a humanidade, em decorrência da pandemia. Ele acredita que o período deixa ensinamentos contra o individualismo, e afirma que pretende manter o templo como um porto seguro para aqueles que passam por momentos difíceis na vida.

Como o senhor pretende reger o templo de agora em diante?

A comunidade do Templo é bem ativa e conhecida. Mas, diferentemente de outros locais em que atuei como regente, não temos uma comunidade originária. São pessoas que frequentam e nos ajudam. No interior de São Paulo, por exemplo, temos alguns Templos que foram construídos por japoneses imigrantes e que, ainda hoje, sustentam essas comunidades. Aqui também tivemos japoneses que deram início à construção do templo, fizeram negociação com o governo. Mas não havia uma comunidade que pudesse sustentar ou construir esse espaço. Como era uma cidade nova, que viria a ser a capital, a Federação Budista do Brasil e o Templo Matriz deram uma atenção especial. Antes de ser construído, havia uma preocupação sobre o sustento do templo. E eu quero que a comunidade cresça, seja mais participativa, e que venham mais pessoas. Queremos que, cada vez mais, a comunidade brasileira veja o templo como um espaço de refúgio e abrigo.

Quais são os principais ensinamentos e virtudes a serem desenvolvidas nessa perspectiva de comunidade?

Hoje, as pessoas convivem umas com as outras, mas de que forma? Para mim, a pandemia evidenciou que não há distinção entre a vida individual e coletiva. Uma tosse, uma gotícula de saliva de alguém que mora do outro lado do mundo pode afetar a sua vida. Então, todos nós, essencialmente, dependemos uns dos outros. Isso é chamado de interdependência, e é conhecido como um fundamento do Budismo. A comunidade do Templo vive a partir dessa perspectiva. São quatro fatos que todos nós passamos durante a vida: o nascimento, a velhice, doenças e morte. São coisas que, necessariamente, acontecem com todos, mesmo que muitas vezes não queiramos. A comunidade vive esses fatos, e Buda também viveu. Ele percebeu que só existe libertação do sofrimento causado por esses quatro pilares, quando convivemos uns com os outros. Então, é importante que a comunidade tenha essa consciência, de que viverá esses pilares, e que precisamos, muitas vezes, viver em comunidades.

O que acha da participação do governo na condução de comunidades religiosas?

É importante que seja dado um apoio, dentro da constituição

e conforme o que a legislação pede ou garante. O apoio ao Budismo se dá através da prática de doação. O terreno em que o Templo está, por exemplo, foi doado pelo ex-presidente Juscelino Kubitschek.

De que forma acredita que essa mudança no templo pode agregar à comunidade como um todo no DF, principalmente neste ano de eleições?

Quando o assunto é eleição, eu não posso me expressar de forma ativa, já que sou isento de votar no Brasil. Nesse sentido, eu devo ficar neutro, até para abranger mais pessoas. O Templo, às vezes, serve como lugar de paz, muitos procuram tranquilidade. A mudança no Templo vem com a ideia de renovar a vida das pessoas. E essa renovação pode levar à insegurança. Muitos chegam a se questionar: Será que me identifico com a sociedade? Será que existe um lugar para mim em meio a essa comunidade? Por isso, a comunidade do templo, durante esse período, deve ser um lugar que as pessoas se sintam amparadas, e busquem quando estão perdidas.

Qual o papel da religião e da fé diante do que estamos vivendo? De que forma a espiritualidade tem ajudado as pessoas a passarem por esse novo momento, social e político?

A religião serve para dar à pessoa uma garantia de que existe um lugar para onde ela pode retornar. O budismo, para mim, é um local em que posso retornar quando estou perdido. Diante de tudo o que estamos vivendo, existem situações que nos arrasam para o alto mar e nos fazem sentir sozinhos. Por isso, o Templo deve ser, também, lugar de amparo. De vez em quando, o budismo é considerado uma religião individual mas, eu, particularmente, acredito que é impossível praticar essa religião sozinho. O caminho é sempre coletivo e o Templo tem o papel de ser um espaço onde as pessoas possam viver o coletivo.

Qual a sua projeção para a comunidade budista do DF?

Eu preciso conhecer melhor a comunidade. Mas é importante lembrar que ano que vem, o Templo celebra 50 anos e pretendemos dar início à comemoração com um projeto de reforma completa, com estruturação e restauração, para um dinamismo melhor. Neste ano, focaremos na expansão da comunidade. Esses projetos têm

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Todos nós, essencialmente, dependemos uns dos outros. Isso é chamado de interdependência, e é conhecido como um fundamento do Budismo

subprojetos de acolhimento, como biblioteca, meditação, casa de chá e outros lugares que vão abraçar as pessoas, sejam adeptas ou não da religião. Tudo isso para que esse espaço seja visto como uma rede de acolhimento.

Como a religião pode ser um caminho para a construção de uma sociedade mais justa e um planeta mais sustentável?

Dentro do ensinamento budista, a sociedade é feita de todos os seres. E o ser humano é um deles. O budismo

caracteriza o homem como um ser que se arrepende, sabe louvar, reconhecer o erro e também o bem nas pessoas. A partir do momento que as pessoas sabem reconhecer o seu papel, a sociedade deve ser mais justa, mas é algo que não vamos alcançar com plenitude. Em meio a capital do país, diante do ano de eleições, muitas vezes recebo perguntas em relação às minhas ideologias. Mas para pensarmos em um mundo melhor, temos que começar fazendo pequenos gestos,

pequenas mudanças no nosso entorno. Se não fizermos isso, não adianta ter ideologias. Com cada ser fazendo o seu papel, podemos caminhar para uma sociedade melhor.

Como planeja trabalhar questões sociais como violência contra a mulher, pandemia, doenças mentais, intolerância religiosa, dentro da comunidade budista?

Primeiro, precisamos reconhecer a nossa realidade. Não é algo fácil, precisamos estar

preparados para encarar isso. O espelho, que pode nos ajudar a lidar com isso, são os ensinamentos e as virtudes de Buda. Nesse sentido, gostaria de citar a frase dele, que diz que: “o hoje, nunca será vencido pelo hoje”. É algo que vale a pena ser refletido. Precisamos mudar nossas ações, fazer diferente cada dia, buscar o melhor. Em termos de ações concretas, nesses três meses à frente do Templo, iniciamos um grupo de jovens, grupos de LGBTQIA+. O objetivo é acolher a todos, independentemente de serem budistas ou não, com o intuito de sempre fazermos mais e melhor. O templo é um local que deve servir para que a comunidade do DF se sinta acolhida.

É um momento de mudanças no templo, um tempo novo. Qual mensagem o senhor gostaria de deixar neste momento?

Brasília é um lugar de possibilidades. Devemos ir além, não podemos nos encerrar. E vejo que o Templo tem capacidade de ser um local de possibilidades para aqueles que querem encontrar apoio, espiritual, social. Então o recado que deixo é que todos são mais que bem-vindos nesse espaço, seja para se encontrar, buscar paz, ou servir como refúgio social.